

Há um tempo para as últimas coisas, o último relógio de pulso, a última gabardina, o último cão, o último amor, o último livro. A última beleza intermitente. Por vezes é assim que penso naqueles onze dias. A última vez que fui bonita.

Quando penso no hotel, quando sonho com ele, está sempre em ruínas. Eu sei que ainda existe, agora chama-se The Old Swan Hotel. O mistério do quarto 105. Imagino que algumas pessoas passam lá a noite, como se fosse um ritual, como se assistissem a uma peça de teatro no West End. A peça de teatro no West End. Mas nos meus sonhos, na minha memória, o hotel está em ruínas, a chuva entra nos quartos, humedecendo as flores do papel de parede, os lençóis que cheiram a mofo, as cortinas que já não são brancas.

Parece-me ver uma figura de mulher sentada em frente da cómoda, tentando com mãos pouco hábeis compor o cabelo, fechar o colar de contas ou de pérolas falsas: as pérolas verdadeiras ficaram na casa de que já não se lembra. Ela parece ignorar que o mundo acabou à sua volta; sai para o corredor e desce as escadas, ela desce sempre as escadas. Entra na sala de baile e pára a ouvir uma música distante, envolve o corpo com os braços, o seu rosto ganha uma beleza inesperada, e move-se muito, muito devagar, e é como se estivesse a dançar.

E quando me fazem perguntas sobre ela, sobre mim, sobre os onze dias de mistério, eu digo que ela estava a dançar num

hotel em ruínas. Quando se exclui o impossível, o que fica, por muito improvável que pareça, deve ser a verdade. Sherlock Holmes *dixit*.

A rapariga no hotel desce sempre as escadas, a rapariga na ilha sobe sempre as escadas. A rapariga no hotel usa um vestido de noite, por vezes um xaile vermelho, e está bem iluminada, como se estivesse num filme. A rapariga da ilha leva uma vela na mão, e está rodeada de sombras. Sobe as escadas lentamente, como se o fizesse todas as noites. Quando está lá fora, crispa a mão no cabo metálico que serve de corrimão nas escadas talhadas na rocha; a espuma das ondas salpica-lhe o rosto, o cabelo que já não prende na nuca, a gabardina que veste todos os dias, os botões abertos, talvez já faltem botões.

Quando penso na casa da ilha, quando sonho com a casa da ilha, está sempre em ruínas. A casa nos rochedos: ao longo dos anos as pedras desprenderam-se, pedaços da casa caíram, só resta uma parte dela, e está em ruínas. A sala de jantar está aberta para o exterior, e a mesa ainda se encontra lá, a mesa à volta da qual os condenados à morte se sentaram noite após noite, um a menos cada noite, e então não havia nenhum. As dez figurinhas negras continuam sobre a mesa, no centro da mesa, como se tudo fosse começar de novo. Talvez seja o que distingue as boas histórias: começam uma e outra vez, mesmo depois de já termos ido embora.

Mas nos meus sonhos a rapariga ainda está lá. É muito bela. Ficou ainda mais bela com o passar do tempo. O longo cabelo castanho, um pouco avermelhado, a figura esguia, os olhos que se parecem com os meus, de um azul-acinzentado. Ela não se parece comigo mas tem os meus olhos, e uma boca que eu vi nalgum lugar, talvez num quadro, ou numa atriz estrangeira. Há sempre uma rapariga bonita nos meus livros. É a forma de ser bonita de novo.

Eu vejo-a sentada nas rochas, e o mar está sempre agitado, nenhum barco chegará à ilha hoje. Vejo-a a subir a escada nas rochas, o corrimão está reduzido a quase nada, alguns degraus estão reduzidos a quase nada. O terraço lá em cima está intacto, ela senta-se lá às vezes, numa cadeira de lona que já perdeu a cor, e perde-se nos seus pensamentos. As mãos abandonadas no colo, como se fosse uma mulher muito velha. Havia um homem na sua história. Claro que havia um homem na sua história. Nota-se na boca.

Quando anoitece, ela levanta-se e entra na casa e acende uma vela. Havia uma quantidade infinita de velas na casa. E de latas de língua e bolachas e ananás, é isso que ela come todos